

DA POEMA À PINTURA: ENUNCIÇÃO VERBAL E VISUAL EM DRUMMOND E PORTINARI

8

FROM THE POEM TO THE PAINTING: VERBAL AND VISUAL ENUNCIATION IN DRUMMOND AND PORTINARI

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira

Professor do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Assis, e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp, câmpus de Araraquara.

E-mail: matheus.schwartzmann@unesp.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2887-3570>.

SCALIANTE, Daniele Cristina

Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa, pela Unesp, câmpus de Araraquara

E-mail: daniele.scaliante@etec.sp.gov.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2351-628>

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os limites e as tensões que se podem perceber entre o que se convencionou chamar, em semiótica francesa, de enunciação verbal, e o que podemos chamar de enunciação visual. Para tanto, assumindo uma abordagem evidentemente intertextual, elegemos *A noite dissolve os homens*, poema de Carlos Drummond de Andrade dedicado a Cândido Portinari, e os painéis *Guerra e Paz*, de Portinari, buscando demonstrar como se organizam os procedimentos enunciativos em cada um dos textos, levando em consideração a natureza das linguagens convocadas em sua produção.

Palavras-chave: Enunciação; Literatura; Arte; Semiótica.

ABSTRACT:

This paper aims to reflect on the limits and tensions that can be noticed between what is conventionally called, in French semiotics, verbal enunciation, and what we can call visual enunciation. Therefore, adopting a clear intertextual approach, we chose “A noite dissolve

os homens”, a poem by Carlos Drummond de Andrade dedicated to Cândido Portinari, and the panels “Guerra e Paz”, by Portinari, pursuing to demonstrate how the enunciative procedures are organized in each of the texts, taking into consideration the nature of the languages arranged in the production.

Keywords: Enunciation; Literature; Art; Semiotics.

INTRODUÇÃO

Não são os pronomes, indexicais e embreadores da tradição benvenistiana, nem as unidades isoláveis na topologia da imagem (rosto, olhos), suficientes para explicar os efeitos de sujeito, as múltiplas relações com o observador, nem o valor de vida expresso por um rosto. Semióticistas e linguistas são conscientes do fato de que é preciso buscar os efeitos de sujeito para além dos marcadores e dos indexadores.

Maria Giulia Dondero (2014, p. 28, tradução nossa)

A partir do final dos anos 1990, especialmente no Brasil, o problema da enunciação assumiu um lugar central nas pesquisas em semiótica. José Luiz Fiorin seja talvez um dos responsáveis por fortalecer esse tipo de pesquisa, já que se dedicou à questão de modo minucioso e a sua obra *As Astúcias da Enunciação* (1996) se tornou uma referência no tema. Oriana de Nadai Fulaneti (2015, p. 49) ressalta a importância da obra de Fiorin, afirmando que:

Até o surgimento desse trabalho [...], grande parte dos estudos linguísticos brasileiros considerava aleatório o emprego de uma categoria enunciativa no lugar de outra (um tempo por outro, uma pessoa por outra). [e] Fiorin levanta a hipótese de que haveria uma explicação única para esses fatos, ou seja, de que todas as categorias enunciativas seriam regidas pelos mesmos princípios.

Maria Helena de Moura Neves, quando da publicação da obra, afirmou também que a reflexão ensejada por Fiorin deveria ser tomada como “parada obrigatória” (NEVES, 1997, p. 110) para aqueles que desejassem compreender as categorias da enunciação em português, uma vez que o linguista teria avançado as proposições de Benveniste, “consegui[n]do colocar em parcas trezentas páginas todo o sistema dêitico da língua” (NEVES, p. 107).

Isso dito, é evidente e natural que a herança do pensamento de É. Benveniste tenha se solidificado na forma da análise linguística, no âmbito do verbal. Já A. J. Greimas, em “Énonciation: une posture épistémologique” reconhecia o primado do verbal no estudo da enunciação, que teria no enunciado verbal o seu ponto de partida. Para ele, a definição de enunciado era naturalmente mais simples que a de enunciação e poderia ser assim “medido”: “é a frase linguística nos seus elementos mais simples, isto é, um enunciado elementar, seja sujeito, predicado, verbo, seja destinador, mensagem, destinatário etc.” (GREIMAS, 1974, p. 9)¹. E, nesse caso, se a enunciação é a instância constitutiva do enunciado, ela é a “instância lingüística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que comporta seus traços e suas marcas)” (GREIMAS; COURTÉS, 1979, p. 126).

A redução ao domínio do linguístico e do narrativo, assim como o que se pode chamar de “redução ao nível do texto” (SCHWARTZMANN, 2019), justifica-se pelas origens da teoria: como bem nos lembra Jacques Fontanille (2008), havia, na semiótica, especialmente nos anos 1960, uma necessidade de se afirmar o seu imanentismo, e a sua filiação à linguística, pois “era preciso resistir aos cantos de sereia do contexto e às tentações de práticas hermenêuticas, especialmente no domínio literário, que procuravam ‘explicações’ em um conjunto de dados extratextuais e extralinguísticos” (FONTANILLE, 2008, p. 17).

Para Fiorin (2007), no âmbito da semiótica a enunciação é vista “como instância de mediação, que assegura a discursivização da língua, que permite a passagem da competência à performance, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma de discurso” (FIORIN, 2007, p. 80).

O problema da enunciação não se restringe, no entanto, ao verbal. Se, como nos lembra Fiorin (2007, p. 81), a enunciação deve ser analisada como a instância de instauração do sujeito, esse procedimento discursivo pode – e tem sido – reconhecido em textos não verbais, sejam fotografias, pinturas ou mesmo formas arquitetônicas. E a condição formal que permitiu estender o conceito de enunciação a outras formas textuais, oriundas de linguagens distintas da verbal, foi o seu “caráter de interface entre o sistema e o processo, uma interface que assegura a passagem de uma ‘forma paradigmática’ [...] para uma ‘forma sintagmática’” (STAY-STANGE, 2014, p. 4, tradução nossa).

¹ Nos reportamos aqui à tradução de Maria Lucia Vissotto e Jean Cristtus Portela.

Maria Giulia Dondero e Jacques Fontanille (p. 30) nos lembram também que a busca por uma enunciação específica às semióticas não verbais deve se focar na “reconstituição da sequência prática do ato que conduz, no caso da imagem, de uma experiência imanente a uma manifestação visual”, o que, para ambos, seria a passagem de um sistema, ativo e determinante, mas em estado virtual, para uma manifestação marcada por um processo realizado (STAY-STANGE, 2014, p. 6).

Diante do esboço desse quadro teórico, muito mais complexo do que poderíamos mostrar aqui, ensaiamos neste trabalho dois exercícios de análise, buscando destacar os problemas da enunciação verbal, de um lado, já amplamente estudados, que têm no projeto teórico do percurso gerativo do sentido a realização de um método de análise, e, de outro, os problemas da enunciação visual, que especialmente hoje têm sido observados na sua particularidade de linguagem, para além do esquema de análise da expressão de Jean-Marie Floch.

PERCURSOS INICIAIS: O MÉTODO COMO FOCO

De início, remontamos o famoso slogan greimasiano “*Fora do texto não há salvação*”, que marcou época na trajetória semiótica, principalmente quando ela ainda tinha como direcionamento as problemáticas de pesquisa baseadas em tradições do domínio literário, ponto que, durante muito tempo, foi a grande ênfase de seus estudos. Nesse sentido, seu estatuto, inclusive diante das outras perspectivas, designava-a enquanto uma “disciplina formal”, modo pelo qual a semiótica foi descrita – e vista – durante muito tempo, o que pode estar relacionado à sua herança estruturalista, que, possivelmente, conferiu esta classificação.

Por meio do slogan de Greimas, é possível observar que os semioticistas “primeiros” mantinham uma postura conjuntural em oposição às metodologias de análise que buscavam explicações a partir de dados extratextuais e extralinguísticos. Assim, em grande parte das análises pautadas nos princípios greimasianos, a noção de percurso gerativo embasava os mecanismos de investigação, privilegiando o desdobramento dos níveis fundamental, narrativo e discursivo. Como Schwartzmann (2019) nos mostra, o problema do adágio greimasiano se localiza no exercício de construção de um método: “fora do método não há salvação” (SCHWARTZMANN, 2019, p. 4).

Para os questionamentos posteriores, foi convidativa à semiótica a adesão de perspectivas baseadas na busca pela “produção de sentido”, bem como a interesses novos que tomaram espaço na própria prática semiótica, que ultrapassando os limites textuais, passou a se interessar pela arquitetura, urbanismo, design de objetos, entre outros. Segundo Fontanille (2008), essas problemáticas surgiram a partir das proposições de Floch (1990) e Landowski (1992), que, respectivamente, traçaram perspectivas semióticas nas estratégias de mercado e, ainda, na construção de uma semiótica das situações e da experiência, por exemplo.

A partir de então é que os pressupostos fontanillianos, sobretudo, trouxeram a necessidade de redefinição da natureza da ocupação da semiótica, ou seja, as “*semióticas-objeto*”. Para tanto, Fontanille (2008) fundamenta o princípio que sustenta esse deslocamento: o *princípio da imanência*. Para ele, é possível responder às questões que se referem ao “exterior”, assumindo teoricamente as pesquisas que conduzem a perspectivas que se articulam “*fora do texto*” desde que a coerção entre expressão e conteúdo não se constituam “*fora da semiose*”.

Logo, o *princípio da imanência* revela-se como portador de um grande potencial teórico à medida que dispõe à análise as condições de modelização, como explica:

Por trás do princípio da imanência perfila-se uma hipótese forte e produtiva, segundo a qual a própria práxis semiótica (a enunciação “em ato”) desenvolve uma atividade de esquematização, uma “*metasemiótica interna*”, pela qual podemos “*apreender*” o sentido, e que a análise tem por tarefa inventariar e explicitar em sua metalinguagem (FONTANILLE, 2008, p. 18).

Dessa maneira, em consonância com os questionamentos de Landowski (1992, p. 147; 170-172 *apud* FONTANILLE, 2008, p. 18), trata-se, então, de questionar o objeto de análise a partir de um ponto de vista semioticamente organizado, isto é, não no sentido de inseri-lo ao contexto, mas em seu caminho inverso, ou seja, integrando o contexto ao objeto de análise, com a ressalva de que o contexto não se situa “*nem antes, nem depois, mas no âmago da linguagem*”.

Assim, esse gesto de reformulação teórica propõe, em Fontanille (2008), uma possível reformulação do slogan greimasiano, o que resulta na possibilidade de se pensar que “*Fora das semióticas-objeto*

não há salvação!”, permitindo aos semioticistas trabalhar, atualmente, com “objetos”, “práticas” ou “formas de vida”, o que excede os limites fixados, durante muito tempo, na especulação do texto-enunciado somente, que desconsiderava as estruturas das áreas de cultura, por exemplo.

Desse modo, o projeto da semiótica é reformulado ao passo que seus preceitos basilares, pautados na exploração do plano do conteúdo, foram confrontados com a “exigência” de um novo olhar, que sugeriu um “avanço” para os estudos do plano da expressão, logo, pois, para a *semiose*, uma vez que novos objetos de análise foram ganhando espaço entre as investigações dos semioticistas.

Nessa direção, cientes de que para a semiótica francesa a enunciação é a instância que faz a mediação entre as estruturas semionarrativas e a discursivização e pode ser “reconstruída” por meio dos indícios – “rastros” – constituintes no enunciado, pretendemos apontar, a partir das instâncias enunciativas, as estratégias discursivas que são próprias aos dois textos.

Para este conceito, vale lembrar que sua alusão “inicial” se dá em Émile Benveniste (1995), que estruturou os pressupostos principiantes para o estudo da enunciação através da organização das formas temporais do sistema verbal do francês moderno. Para a enunciação do discurso, Benveniste (1995, p. 267) define que “toda enunciação suponha um locutor e um ouvinte”. Sendo a enunciação o ato de produzir um enunciado, para ele, o locutor mobiliza a língua, e ela, por sua vez, determina os caracteres linguísticos.

Em *O aparelho formal da enunciação* (BENVENISTE, 1989), ao analisar o mecanismo da produção do enunciado, o autor mostra que o locutor mobiliza a língua pelo aparelho formal e marca sua posição por meio de índices específicos, o que faz com que exista a conversão individual em discurso.

Para Greimas e Courtés (2008, p. 166), a enunciação é uma instância de mediação que atualiza “[...] o espaço das virtualidades semióticas”. Assim, pela discursivização, isto é, a colocação em discurso, há a retomada das estruturas semionarrativas (estruturas semióticas virtuais) que se transformam em estruturas discursivas (estruturas que se realizam sob a forma de discurso).

A esse respeito, Fiorin (1996) esclarece, anos mais tarde, que a enunciação pode ser estudada por intermédio do enunciado por se tratar de identificar seus traços, isto é, partindo do enunciado para se

chegar à enunciação. Logo, retomando os pressupostos de Benveniste, Fiorin (1999, p. 40) sustenta que “o sujeito da enunciação é sempre um eu, que opera, ao realizar a produção discursiva, no espaço do aqui e no tempo do agora”, o que lhe confere a problematização da actorialização de *pessoa*, de *espaço* e de *tempo*.

Em se tratando da enunciação em pesquisas mais atuais, Denis Bertrand e Verónica Estay Stange (2014) mostram que na fenomenologia há a configuração do plano da expressão em relação à mesma estrutura da percepção apreendida. Logo, têm-se a enunciação “articulada entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, espalhando-se sobre toda a extensão do percurso” (BERTRAND & STANGE, 2014, p. 20). Desse modo, é a enunciação que assegura a discursivização das estruturas de linguagem, que, sendo contínua e iterada, caracteriza-se como textualização, permitindo a manifestação sensível das estruturas ao oferecê-las à interpretação.

Bertrand e Stange (2014) explicam, ainda, que a articulação da discursivização se dá por meio das operações de debragem e embreagem, ocorrendo pela enunciação a instauração do ponto de vista, a focalização e a perspectiva, que são “marcas da presença do sujeito no trabalho da linguagem” (BERTRAND; STANGE, 2014, p. 20), que, todavia, não ocorrem somente no plano do conteúdo, mas também no plano da expressão.

Atualmente, ao pensar a enunciação, a semiótica a concebe por meio da construção da presença. Desse modo, já que enunciar é tornar algo presente para alguém, a “colocação em presença” estará relacionada, também, ao tipo de regime semiótico, isto é, ao simulacro que perpassa as relações de cada texto, sendo ele verbal, visual, gestual, oral, entre outros, o que caracteriza as formas específicas de colocação em presença.

Tomados por estes pressupostos, em nossa análise nossos apontamentos se referem, então, ao modo como a enunciação ocorre em dois textos distintos, que possuem, portanto, simulacros próprios da linguagem verbal e da pictorial, mas que alcançam um diálogo que é, em base, perpassado pela intertextualidade que os constitui.

ENUNCIÇÃO VERBAL E VISUAL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Para compor a análise, faremos algumas considerações sobre os dois textos, a começar por *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade. Os poemas que compõem esta obra foram produzidos

entre 1935 e 1940, ano em que foi publicada em sua primeira edição. Com 28 poemas no total, os escritos de Drummond mostram-se, ainda, sob a influência da década anterior, marcada pela primeira geração de modernistas, que se “originou” após a Semana de Arte Moderna em 1922. Desse modo, características como a liberdade formal dos versos livres e brancos, bem como a preferência temática pelo cotidiano e pela vida urbana são perceptíveis nesse período.

Entretanto, ainda que a obra integre o desenvolvimento de sua maturidade artística, que se apresentará ainda mais consolidada na década seguinte, Drummond confere o seu teor próprio às palavras, validado pelas referências pessoais que denotam os fragmentos das memórias por ele tecidas em seus textos, bem como pelo interesse pelas questões sociais.

Nesse ponto, atrelam-se ao interesse pela temática social, que perpassa esta produção de modo conjuntural, os “arranjos” de ordem histórica e política: na Europa, o “desabrochar” da Segunda Guerra Mundial; no Brasil, os efeitos da Era Vargas assistida pela implantação do Estado Novo e pela subsequente oficialização da ditadura. Assim, organiza-se uma dualidade que compõe a obra de Drummond: de um lado, palavras imbuídas pela necessidade de reação à opressão; de outro, palavras revestidas pelo sentimento de impotência frente às dificuldades de alicerçar-se à reação.

Nesse sentido, é notável a mudança do fazer poético de Drummond em relação à obra *Alguma Poesia*, que marcou seu fazer individualista, distanciado do mundo. Em *Sentimento do mundo*, o poeta assume seu envolvimento com o mundo à sua volta, manifestando sua contestação diante das atrocidades que pareciam ser aceitas. Assim, os versos drummondianos, nesse período, são “traduções” de seu inconformismo diante de um mundo caótico, desestruturado social e politicamente, retratado por ele em esfera nacional e internacional.

Trazemos, aqui, esses pontos a fim de ilustrar os “motivos” que incentivaram a escrita de Drummond neste período. Logo, pois, nossa intenção não é relacionar aspectos que justifiquem nossa análise pelo “contexto de produção”, já que como nos lembra Barros (2009, p. 352) a esse respeito, “para a teoria semiótica, os procedimentos que constroem os sentidos de um texto são de dois tipos: procedimentos linguístico-discursivos e relações com a sociedade e a História”. Assim, conforme ressalta a autora, a semiótica discursiva não elege como

pressuposto a chamada “exterioridade” discursiva, pois considera que esses elementos se organizam no próprio texto, isto é, são constituintes no processo de significação, o que a difere de outros quadros teóricos que, por exemplo, relacionam “contexto” ao “exterior” do texto.

Passemos, então, à análise do texto:

A noite dissolve os homens

A Portinari (Carlos Drummond de Andrade)

A noite
desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores que outrora me perturbavam.

A noite desceu. Nas casas, nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos, a noite espalhou o medo e a total incompreensão.
A noite caiu. Tremenda, sem esperança...
Os suspiros acusam a presença negra que paralisa os guerreiros.

E o amor não abre caminho na noite.
A noite é mortal, completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens, diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias, apagou os almirantes cintilantes!
nas suas fardas.

A noite anoiteceu tudo... O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora, entretanto eu te diviso,
ainda tímida, inexperiente das luzes que vais ascender
e dos bens que repartirás com todos os homens.

Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes,
vapor róseo, expulsando a treva noturna.

O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram mas que avançam
na escuridão
como um sinal verde e peremptório.

Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,

minha carne estremece na certeza de tua vinda.

O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes
se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez, uma inocência, um perdão
simples e macio...

Havemos de amanhecer.

O mundo se tingem com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.

O poema *A noite dissolve os homens*, o 23º da obra em questão, é dedicado ao pintor Cândido Portinari em solidariedade às questões pelas quais ambos se opunham, como as atrocidades da guerra, os avanços do nazi-facismo, bem como o totalitarismo do Estado Novo, ponto que, de início, faz dialogar enunciador e enunciário, que, pelo viés da enunciação, compartilham o mesmo sentimento e a mesma visão de mundo, pautada na solidariedade humana e movida pelo inconformismo.

Do ponto de vista do conteúdo, tem-se um programa narrativo que tematiza fatos divididos entre o que está acontecendo e o que ainda virá, isto é, vive-se a guerra e espera-se a paz. Esses acontecimentos são figurativizados pelos termos “noite” e “aurora”, principalmente. Esta divisão não ocorre somente pela estruturação dos versos e estrofes, mas, sobretudo, pelos elementos convocados, que conduzem a passagem de um percurso narrativo a outro, como se pode ver em: “aurora, entretanto, eu te diviso”.

Sendo assim, para o primeiro percurso narrativo, atribui-se à noite os investimentos de valor disfórico. É ela que não deixa enxergar (“já não enxergo meus irmãos”), “paralisa os guerreiros”, espalha “o medo e a total incompreensão”. É também a responsável pela ausência da paz, pois é “completa”, “sem reticências”, “diz que é inútil sofrer” e “dissolve os homens”, “dissolve as pátrias”. Vemos, aqui, o termo “dissolver” em total consonância ao processo de “destruição” instaurado no enunciado, uma vez que ao cair, a noite destrói tudo, deixando o mundo parecer “sem remédio”.

O tema da guerra, então, é recoberto por figuras que intensificam a projeção do “eu” para o mais profundo estado. Interessante observar

que nesse mecanismo de enunciação o enunciador, ao escolher enunciar desse modo, convoca a esse sentimento Portinari e a “todos” que se solidarizam com este mundo apresentado, sendo esta característica, a de coletividade, marcada não somente pelo enunciado, como em “meus irmãos”, mas pelos sentidos produzidos, que conduzem à “experimentação” da dor, que, de tão avassaladora, “dissolve”, isto é, desmancha, decompõe, desintegra.

Já o elemento “aurora” funciona como passagem para o que há de vir, eufórica, a paz, marcada, também, para “além” do enunciado, pois sua imagem luminosa e, portanto, cromática, possibilita a reação à “escuridão” outrora apresentada, o que, de fato, parece dialogar com o “companheiro” de visão de mundo, Portinari, que faz esse movimento na divisão dos seus dois painéis. É exatamente aqui que, a nosso ver, Drummond parece construir uma imagem pictórica por meio de seus versos, extrapolando os “limites” das letras e alcançando o espaço das tintas por meio da dinamicidade conferida ao movimento trazido pelo contraste entre a “noite” e a “aurora”, que se projetam para além de um processo de metaforização.

Assim, a figurativização ocorre em referência à aurora da seguinte maneira: “luzes que vais acender”, “bens que repartirás”, “vapor róseo” que expulsa a treva noturna, “sinal verde e peremptório”. Parece haver nos versos de Drummond um movimento que conduz às sensações e que poderia ser explicado por uma análise atenta desenvolvida pelo viés da semiótica tensiva, que tem como referência o semioticista francês Claude Zilberberg, como se pode ver em “o suor é um óleo suave”, “os corpos hirtos adquirem fluidez”, um “perdão simples e macio”. Em oposição ao profundo sofrimento trazido pela noite, o enunciador vivifica a “aurora” que, “ainda tímida e inexperiente”, faz com que o mundo se tinja “com as tintas de antemanhã”. Para isso é que o sangue que escorre é “doce” e “necessário” para colorir.

Na mesma direção estão os painéis *Guerra e Paz* de Cândido Portinari, produzidos entre os anos de 1952 a 1956, e que, assim como em Drummond, tematizam essa questão.

Após suas obras alcançarem notoriedade a partir de prêmios recebidos, Portinari recebe propostas para diversas pinturas, dentre elas, a dos painéis, que foram encomendados pelo governo brasileiro para presentear a sede da ONU (Organização das Nações Unidas), encontrando-se hoje, então, em Nova York, nos Estados Unidos.

Conhecido por participar ativamente da vida cultural e política do Brasil ao lado de escritores, poetas e artistas, Portinari se destaca por retratar em suas telas a cultura brasileira, bem como seu povo, natureza e história sob um caráter de denúncia em relação às questões sociais, tom que é assumido em sua produção após se deparar com outros artistas que, na Europa, também se manifestavam a esse respeito e que influenciaram suas obras, tanto estética quanto tematicamente, dentre eles, Pablo Picasso.

Assim, em conjunto, os dois painéis, do ponto de vista figurativo, do conteúdo, portanto, produzem um percurso temático que vai desde o sofrimento da guerra até o alcance da paz. Para isso, o programa narrativo em ambos é figurativizado por elementos que recobrem esse tema. Para melhor observar o diálogo que nos propusemos apontar, faremos algumas considerações a respeito dos dois painéis².



Fonte: < <http://www.portinari.org.br/>>

² Cientes de que podemos ser “traídos” pelas diferenças entre a imagem original e a disponível no meio digital, replicamos as imagens que se encontram no Portal Portinari, a fim de atenuar este risco.

No primeiro, *Guerra*³, vê-se diversos grupos de mulheres, chorando em desespero, ajoelhadas, horrorizadas, com os rostos cobertos pelas mãos, que buscam esconder o pranto pelo que há de vir, figurativizado pelo cavaleiro em chegada, no canto inferior direito, portanto, em posição de ameaça. O outro grupo de mulheres, na parte superior, em conjunto com o cavaleiro em “retirada”, mostra-se em desespero pelo ocorrido.

Já no plano da expressão, a plasticidade é notória em cores, forma, traços e dinamicidade. Isso porque as cores predominantes cinza, verde, violeta, lilás, rosa, preto, laranja, ocre e branco conferem a frieza ao percurso tematizado, sendo menos saturadas. Há um contraste entre forma e fundo, que, sendo geometrizado, mostra-se como um “grande palco” para o espetáculo da guerra, colocando em ato os atores deste enunciado, que não extrapolam os limites destes traços.

As formas são desenvolvidas em linhas retas e formas geométricas, organizadas em contraste com as linhas curvilíneas das pessoas em sofrimento comparadas às linhas retas dos cavaleiros, o que confere uma dinamicidade distinta: prostração e imposição. Há, também, em relação à focalização, um espaço do fundo geometrizado, que parece dividir, assim como a guerra, oprimidos e opressores, que avançam e se posicionam para garantir o domínio.

Semelhante ao movimento enunciativo pertencente ao poema de Drummond, em Portinari pode-se notar, também, esse mesmo mecanismo por meio do contraste do painel *Guerra* com o painel *Paz*⁴. Isso porque sua plasticidade se opõe em tudo ao primeiro painel, tematizando o mesmo que em Drummond, por uma divisão, o que confere um diálogo entre esses dois textos, poema e pintura.

3 Dados do painel: DATA: 1952 – 1956; Paineis a óleo / madeira compensada; 1400 X 1058 cm (irregular) (aproximadas); Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

4 Dados do painel: DATA: 1952 – 1956; Paineis a óleo / madeira compensada; 1400 X 953 cm (irregular) (aproximadas); Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.



Fonte: < <http://www.portinari.org.br/>>

A presença de cores mais vivas, como o vermelho, chama a atenção no segundo painel, que se mostra pela presença dos tons ocres, predominantes no que se refere ao cenário, mesclados ao laranja, amarelo, rosa, preto, branco e azul, que marca rostos, roupas e ações que, agora, não são mais estáticas, paralisadas pelo medo e pela ameaça, mas organizadas pela dinamicidade da tela, que contempla os afazeres retomados pelas pessoas ao fim do sofrimento. Nesse sentido, pode-se notar que há diferentes grupos com distintas atividades: crianças com jogos infantis e trabalho, divididos em planos; crianças cantando, homens e mulheres trabalhando; rodas de mulheres com cabelos esvoaçantes.

Aqui, o fundo geometrizado, palco da guerra no painel anterior, já não separa “oprimido” e “opressor”, mas integra os diferentes grupos, diminuindo a distância entre eles. Ao fundo, um tom amarelado, semelhante ao nascer do sol, (a aurora, em Drummond), reaviva as cores, bem como as pessoas, tematizando a tranquilidade adquirida, a celebração da paz.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A dedicatória a Portinari no poema de Drummond ultrapassa a noção de receptor e o convoca à enunciação, pelo enunciado, por meio de um cenário marcado por similaridades de ideias. Além disso, por se tratar de um fazer poético, outro movimento ocorre, pois o texto não “chega” somente a Portinari, mas a leitores outros, que, inseridos na prática de leitura “literária”, incorporam uma nova rede enunciativa, que, a depender do contexto de circulação, estabelece um novo contrato de aproximação entre enunciador e enunciatário.

Em Drummond, além dos aspectos apontados na análise, decorrem os recursos de emprego da primeira pessoa em todo o texto, expressões marcadas pela exclamação de tom inconformado, com confirmação de seu ponto de vista, marcado fortemente pelo grau de subjetividade. Em Portinari, as formas dos traços, a disposição dos elementos na cena enunciativa e a divisão entre os painéis confere a mesma versão temática: o movimento entre a guerra e a paz, que se caracterizam não somente como um fato histórico-político, mas como um estado do enunciador.

Há, assim, nos dois textos, uma oposição instaurada: guerra e paz. Portinari está marcado, pelo enunciado, na “dedicatória” de Drummond e na enunciação. Este, por sua vez, está marcado pelos traçados nos painéis, bem como, também, na enunciação. Portanto, pelos mecanismos e estratégias enunciativas, tanto o enunciatário 1, em Drummond, quanto o enunciatário 2, em Portinari, compartilham do mesmo enunciado, promovendo um diálogo que, sem dúvida, extrapolou os limites do texto, da guerra, do tempo, pois como reflete Gomes (2014, p. 201) em referência a Pignatari (1987, p. 9) “a poesia parece estar mais ao lado da música e das artes plásticas e visuais do que a literatura” (PIGNATARI, 1987, p. 9).

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Sentimento do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. **Revista Alfa**, São Paulo, 53 (2), p. 351-364, 2009.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luíza Neri. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.

BERTRAND, Denis; ESTAY STANGE, Verónica. Reflexões sobre a perspectiva gerativa em semiótica. In: CORTINA, Arnaldo.; SILVA, Fernando Moreno da (Org.). **Semiótica e Comunicação: estudos sobre textos sincréticos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 13-21. (Série Trilhas Linguísticas, n.25).

DONDERO, Maria Giulia. Les approches sémiotiques du portrait photographique. **COntEXTES** [En ligne], n.14, 2014.

DONDERO, Maria Giulia; FONTANILLE, Jacques. **Les images à problèmes**. Le sens du visuel à l'épreuve de l'image scientifique. Limoges: Pulim, 2012.

ESTAY STANGE, Verónica. Les conditions d'extension du concept d'énonciation. **Actes Sémiotiques** 117, 2014. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/5201>. Acesso em 22 set. 2019.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e semiótica. **Revista Letras**, n° 33. Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1999.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

FONTANILLE, J. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Orgs.). **Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias**. Bauru: Unesp/Faac, 2008, p. 17-76.

FULANETI, Oriana de Nadai. As astúcias d'As astúcias da enunciação. **Bakhtiniana**, São Paulo, 10 (3): 46-62, Set./Dez. 2015.

GOMES, R. G. Reflexões sobre a perspectiva gerativa em semiótica. In: CORTINA, A.; SILVA, F. M. da (Org.). **Semiótica e Comunicação: estudos sobre textos sincréticos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 201-229. (Série Trilhas Linguísticas, n.25).

GREIMAS, Algirdas Julien. L'Énonciation: une posture épistémologique. Significação. **Revista Brasileira de Semiótica**, n. 1, Centro de Estudos Semióticos A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP), 1974, p. 09-25.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTES, Joseph. **Sémiotique**. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. Paris: Hachette, 1979.

NEVES, Maria Helena de Moura. As astúcias da enunciação. Resenha. **Linha d'Água**, n. 11, p. 107-110, junho, 1997.

PORTAL PORTINARI. Acervo. Disponível em < <http://www.portinari.org.br/>>. Acesso em 25 ago. 2018.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. A noção de texto e os níveis de pertinência da análise semiótica. **Estudos Semióticos**. [on-line], volume 14, n. 1. São Paulo, março de 2018, p. 1–6. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em 22 set. 2019.

Enviado em: 02/12/2019

Aceite em: 18/12/2019